



RELATO DE EXPERIÊNCIA: CASA DAS SAMARITANAS

Brenda Caroline Belforte Pereira¹

Jeová Aires De Jesus Junior¹

Ingrid Vale Ataíde¹

Universidade Federal do Delta do Parnaíba- UFDPAr

INTRODUÇÃO

A definição acerca de vulnerabilidade social remete a uma ideia de fragilidade e de dependência, que se conecta a usuários de drogas e moradores de rua. Devido à fragilidade e dependência, esse público torna-se muito submisso ao ambiente físico e social. O indivíduo inserido em um contexto vulnerável possui uma facilidade maior em entrar em contato com o uso de drogas, consumo de álcool e a grande parcela dessas pessoas podem ser encontradas morando nas ruas.

Assim, surgiu a oportunidade de estagiar na disciplina obrigatória de Estágio III na Casa das Samaritanas, espaço que acolhe mulheres em vulnerabilidade, que se encontram em situação de rua, com queixa de drogadição ou em alguma outra problemática que envolve risco a vítima. Foram realizados cerca de cinco encontros para conhecer o local, as residentes e traçar um plano de ação. A casa atualmente tem endereço na Rua Frei Inocêncio, no bairro Piauí na cidade de Parnaíba. O número de residentes da casa é completamente incerto, pois, pela própria dinâmica organizacional da casa, esse número não tem como ser preciso pela grande rotatividade de mulheres.

¹ Universidade Federal do Delta do Parnaíba- UFDPAr - Campus Ministro Reis Velloso



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Com isso, segundo alguns aspectos da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), a dependência de drogas pode ser conceituado como o uso constante e repetitivo de substâncias psicoativas, causando mudanças fisiológicas e mental. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS 2001), 10% da população mundial faz o uso abusivo de substâncias psicoativas (MENDES; FILLIPEHARR, 2014). Ao olhar mais de perto a população de rua, percebe-se que o uso de álcool e outras drogas é a principal causa das pessoas se tornarem sem teto (35%). O desemprego (29,8%) e atritos com a família (29,1%) são, conseqüentemente a segunda e a terceira maior causa. A idade média desses indivíduos é de 25 a 44 anos e a maioria apresenta renda mensal baixa. (MENDES; FILLIPEHARR, 2014).

De acordo com Merhy (2012), os usuários de drogas são pessoas com vontades e desejos, não tomados completamente pela dependência da droga como costumam ser rotulados pela dependência química. No entanto faz-se necessário desenvolver novas formas de conduta e de anseios como contrapontos ao uso excessivo de drogas e as conseqüências causadas, pois o que acontece é um rótulo depreciativo pela sociedade em relação ao usuário de drogas, reduzindo as possibilidades de existir desse sujeito. Segundo Lima (2008), o uso excessivo de drogas detém o indivíduo em formas de reconhecimento desumano. Há, assim, um processo estagnado da sua identidade em um mesmo papel social e ele passa a ser rotulado como “drogado(a)”. Tal termo é usado para reduzir o caráter depreciativo e discriminatório do reconhecimento criminado das pessoas que fazem uso de drogas através dos papéis sociais e personagens fetichizados (LIMA, 2010).

Uma visão que acaba por limitar o usuário de drogas a dependência química é o atendimento de saúde fragilizado que acaba depreciando as experiências que perpassa



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

na vida dos usuários, que a culpa é da pessoa que se deixou recair, adoecer e enfraquecer (PALUDO; LINHARES, TIRELLI, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os grupos envolvidos no estágio buscaram propor atividades a residentes que promoviam o autoconhecimento e a capacidade de falarem mais delas mesmas. As atividades consistiam na produção de materiais que permitisse que elas falassem de si mesmas e apresentar às demais. Essas produções eram cartazes e diários de vivências em que as residentes falavam de si, expressavam seus sentimentos, projetavam seus sonhos e identificavam aquilo que as motivaram em continuar seu tratamento na casa. As atividades tinham objetivo de abarcar tanto as residentes que conseguiam se expressar verbalmente, como também as outras residentes que tinham suas formas mais introvertidas de expressão.

Dentro daquilo que foi exposto aos estagiários, a crença nas incapacidades pessoais eram o que tinha de mais notável na casa. Mesmo que algumas residentes acreditassem na capacidade vencer as drogas, poucas tinham perspectiva de futuro e não sabiam o que fariam após a saída da casa. Em consequência, pela dependência da figura da Coordenadora, dona Luísa, muitas entravam em conflitos, e a autonomia delas como grupo era delicada quando não havia a presença da Coordenadora. Além disso, a questão da vigilância entre as residentes aumentava ainda mais os conflitos naturais da casa.

O que foi possível observar também, foi que, mesmo sendo mulheres maiores de idade, a grande parte sofreu com sua perda de autonomia, sem que respondesse por suas questões e dos seus dependentes. Algumas, inclusive, perdendo a guarda dos filhos devido ao uso de drogas e/ou álcool, lhes causando um enorme sofrimento, culpa e



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

remorso. Essa perda de autonomia se dá pela perda de identidade que também é presente nessas mulheres, que por, devido ao estigma negativo que a sociedade as rotula, passam a se perceberem de maneira negativa e como incapazes.

E por último, evidenciou-se a capacidade de liderança e facilidade de coordenar grupos que algumas residentes tinham. Algumas delas tinham a confiança da Dona Luísa, ao ponto de deixar sobre a responsabilidade delas a casa e o cuidado das outras residentes. Essas mesmas possuem excelentes capacidades de expressão, comunicação, somada ainda as suas experiências em outras instituições de acolhimento e tratamento contra drogas.

Tomada por essas questões observadas foi traçado outras atividades que abarcavam as queixas observadas, que trabalhassem as potencialidades existentes na casa e as residentes, e que ainda sim, atendessem aquilo que elas desejavam como trabalho para quando estivessem fora dali.

Diante do exposto nota-se que é o que ocorre na Casa de Acolhimento feminino é um modelo de base comunitária e territorial, onde as mulheres que residem na casa são “assistidas” pela rede de apoio do território, frequentam o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e outros dispositivos de saúde, assim como alguns familiares mantêm contato com as residentes. Busca-se respeitar sua subjetividade e não serem reduzidas a “usuárias de drogas” e sim mulheres, mães, filhas, esposas que carregam dentro de si anseios, medos, histórias, sonhos, individualidades e singularidades. Contudo, infelizmente a Casa não recebe muita assistência, tendo uma pobre rede de apoio, inclusive das instituições públicas de saúde, sendo voluntários a maior fonte de auxílio e apoio ao abrigo.

Com certeza, o mais rico dessas atividades não foi o produto produzido em si, não desmerecendo o trabalho realizado. Mas foi nos encontros realizados, nas



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

socializações feitas entre participantes e estagiários que foi a principal fonte de conhecimento e compreensão daquilo que as moradoras da casa tinham pra falar de si de suas vivências. Através das conversas que foi observado e melhor compreendido quais eram os processos que aconteciam na casa.

CONCLUSÃO

O indivíduo inserido em um contexto de vulnerabilidade é passível das mazelas sociais. Seja se envolver com tráfico e uso de drogas, alcoolismo, moradia de rua, doenças sexualmente transmissíveis (DST) e diversas outras problemáticas, todas potencializados pelas desigualdades sociais, faz com que o ser humano termine em um modo de vida insustentável. Viver com algumas dessas mazelas acaba por destruir todas as potencialidades, sucumbir ao desamparo afetivo e emocional. Está em situação de vício em drogas faz com que o indivíduo rompa com sua identidade, perca suas expectativas sobre a vida, rompa com sua autonomia e não acreditar em si. Viver em sociedade não é tão fácil, restando apenas a marginalização.

Entretanto existem pessoas que acreditam e se sensibilizam em cuidar e acolher o outro, seja qual for a condição. Como o projeto social da Casa das Samaritanas, que recebe, cuida e acolhe as mulheres em situação de vulnerabilidade social. Coordenado por apenas uma pessoa e que recebe ajuda de doações e voluntários, a casa das Samaritanas se preocupa em reinserir ou melhor de algumas forma a condição de vida das mulheres que recebe.

Durante o período de estágio devido às demanda e queixas observadas pelo grupo, as atividade realizadas caminhavam no sentido de fazer com essas mulheres que residem na casa das Samaritanas se reconhecessem como capazes de falar sobre elas mesmas com autoridade, sem precisar relacionar sua identidade, seu valor, com o



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

motivo de estarem na casa de acolhimento. Poderem se perceber capazes de se apoiarem, de respeitar a companheira residente e acolher uma nova residente que chega, assim como também a história que cada uma carrega. De se sustentarem como um grupo sólido e colaborativo com a luta que enfrentam todos os dias, e encurtarem a relação de dependência que as residentes possuem com a coordenadora para se tornarem mulheres mais ativas dentro da Casa e das suas próprias histórias.

Palavras-chave: Abrigo, Mulheres, Psicologia.

REFERÊNCIAS

LIMA, A. F. Dependência de drogas e Psicologia Social: um estudo sobre o sentido das oficinas terapêuticas e o uso de drogas a partir da teoria da identidade. **Psicologia e Sociedade**, 20(1),91-101. 2008.

LIMA, A. F. de. **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso**: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. São Paulo: FAPESP EDUC. 2010.

MENDES, C. R. P.; FILLIPEHARR, J. Vivência nas ruas, dependência de drogas e projeto de vida: um relato de experiência no CAPS-ad. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 6, n. 1, p. 90-97, jun, 2014.

MERHY, E. Anormais do desejo: os novos não humanos? Os sinais que vêm da vida cotidiana e da rua. In Conselho Federal de Psicologia. (Org.). **Drogas e cidadania: em debate** (pp. 9-18). Brasília: CFP. 2002.

PALUDO. E., LINHARES. E., TIRELI. G.C. **A Identidade Do Usuário De Drogas Na Visão Dos Familiares**: Um Estudo No Município De Santa Cruz Do Sul/Rs, Globalização em Tempos de Regionalização – Repercussões no Território Santa Cruz do Sul. 2015.